

Tornemos humano o «Conto»

Antes de continuar a nossa tarefa em favor dos operários e trabalhadores do Porto de Lisboa, queremos agradecer o nosso mais profundo agradecimento ao brilhante diário A Voz e ao seu ilustre Director, senhor Conselheiro Fernando de Sousa, pelo precioso apoio que vieram dar a esta campanha de humanização do «conto».

As palavras amáveis com que Sua Excelência se referiu a este pobre jornal e a promessa que fez de voltar ao assunto depois de tornar a ouvir a nossa voz, dão-nos redobrada coragem para não desfalecer no bom combate.

Com tão bom e poderoso apoio estamos certos de que obteremos os desejados resultados.

Dissimos no nosso último número o que era «Conto» e a maneira desumana e como se realizava. E prometemos expor neste número a forma de resolver tão momentoso problema.

Pena temos que estes artigos tenham de ser escritos aos bocados, nos raros momentos que a miséria alheia nos deixa livres, pois muita havia a dizer e o assunto merecia mais cuidada exposição.

Para resolver o problema do «conto» não é preciso muita coisa. Basta apenas a boa vontade da Câmara Municipal, do Comissariado do Desemprego e da Administração Geral do Porto de Lisboa. Não falamos da boa vontade da União dos Sindicatos, porque essa vimos-a e apalparamos a fervente de entusiasmo.

A primeira coisa a fazer seria a de construir um longo «hangar», com as devidas condições higiénicas, onde se acolhessem os trabalhadores que vão todas as madrugadas enfileirar para o «conto», na esperança de trabalho.

Estariam assim resguardados do frio e da chuva, em local iluminado e alegre que, se dá luz ao corpo, mais alumiaria ainda a alma.

Mas, se em lugar dum simples «hangar», se construisse um edificio onde a União e todos os Sindicatos dos Trabalhadores do Porto de Lisboa tivessem a sua sede, este edificio passaria automaticamente a ser a «Casa do Trabalhador».

E não seria difícil idealizar — e realizar! — neste mesmo edificio a assistência médica e jurídica, balneários e cantinas, salas de leitura e de recreio, com sessões de propaganda, instrução e cultura que fossem dando ao operário a noção de que também ele é um homem e tem, como todos os outros homens, uma alma.

Assim o operário que não fosse «contado» ficaria ali. Cuidaria da sua saúde, da sua cultura, das suas coisas. Taria divertimentos sãos e poderia sentir-se menos abandonado. Os outros, os que fossem para o trabalho, regressariam, a «sua casa», a tomar banho, a passar as horas de descanço, a cuidar também dos seus interesses.

E se quiséssemos fazer obra melhor ainda, instaláramos no mesmo edificio um «Centro Social» moderno, que cuidaria da Assistência moral e social aos operários e suas famílias. Procurar-se-ia inculcar no animo das que não vão trabalhar que nada há mais pernicioso ao homem do que o ócio. E haveria escolas profissionais ou de trabalhos manuais que dariam ocupação e lucro a quem não fosse chamado no «conto».

O Centro Social visitaria as famílias dos operários, estudaria as suas necessidades, cuidaria de resolver os problemas morais e actuares — como já faz outros sítios — junto dos paisões e das autoridades para obter maior justiça e uma melhor assistência, quando necessário.

A quantidade de problemas que desta forma poderiam ser resolvidos só mais tarde se poderiam calcular!

Poderá parecer a espiritos ligeiros

que estamos voando nas regiões do sonho!

Sonho será, sem dúvida, se quisermos que o seja. Mas, se houver boa vontade, podemos garantir aos nossos leitores que nada disso é sonho, que tudo isto é *factamente* realizável.

A União dos Sindicatos e os próprios Sindicatos individualmente têm já realizada uma obra social e moral que, se fosse conhecida, seria admirada. E em que condições têm trabalhado!

Com outros meios e direcção abnegada e inteligente que não lhes falta, tudo o que descrevemos seria pósto em prática e solidamente.

Os operários do Porto de Lisboa têm no seu seio de tudo. Pode mesmo dizer-se que têm do pior.

Mas não há classe mais unida nem mais disciplinada, pois a voz e o sentimento dum podem ser e são muitas vezes a voz e o sentimento de todos.

Há muito de mau lá dentro. Mas há muito de bom, sobretudo d'esse «bom» que existe fundamentalmente em todo o homem do mar.

O problema financeiro — que poderá parecer a muitos o mais complicado, também poderia ser resolvido.

A União dos Sindicatos tem capitalizados para a sua caixa de Previdência cerca de 1.500 contos. Este dinheiro ou grande parte dele poderia ser legamente imobilizado no edificio, mas com rendimento certo, pois pagariam os próprios Sindicatos a sua renda.

Este dinheiro não chega por certo. Mas bastaria que a Câmara Municipal desse o terreno — e tem obrigação de o dar, pois assim resolveria um dos mais deprimentes problemas da vida cidadina — e o Comissariado do Desemprego concedesse comparticipação — e ninguém deixaria de aplaudir — para que o sonho deixasse de ser.

A Administração Geral do Porto de Lisboa tinha também o dever de auxiliar, na medida do possível, esta realização, que afinal redundaria em prestígio seu e dos seus trabalhadores.

Falta apenas que os coisas se afinem e que todos queiram dar a sua contribuição.

Quem a negará?

A União dos Sindicatos tem fé. Por nós, uma só palavra lhes dizemos: tende fé e persistência.

E o «triste conto» de que falou o senhor Conselheiro Fernando de Sousa passará em breve a ser um conto humano e alegre.

Avante pela dignificação do trabalho português e pela moralização do trabalhador, que o mesmo é dizer: avante pelo engrandecimento da Pátria.

Abel Varzim

ESTE NÚMERO DE «O TRABALHADOR» FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

«Quemquer que recebeu da divina Providência maior abundância, quer de bens externos e do corpo, quer de bens da alma, recebeu-os como o fim de os fazer servir ao seu próprio aperfeiçoamento e, ao mesmo tempo, com ministro da Providência, ao alívio dos outros».

Leão XIII - Regim Novarum

A vigilia da Paz

A 13 de Maio de 1917, desceu N. Senhora do Céu à terra, e numa época que semelhanteis tem com o presente, a Virgem, Mãe de Deus, quis pisar terra Portuguesa e lembrar à lusã gente que o oração do Sea Divino Filho estava muito magoado com os pecados dos homens.

Penitência e oração foi o meio seguro que Nossa Mãe do Céu apontou, para suster o braço Justiciero da Majestade de Deus ofendida.

Na hora presente em que o mundo se dilacera numa guerra atroz recorramos de novo a Nossa Senhora.

Em Fátima onde com tanta fé se erguem invocações ao Céu, para alisar as graças corporais e espirituais de que carecem, os que lá acorrem, façamos uma nova prece; e assim nesse cantinho onde ainda não chegou a maldade dos homens digamos também:

Senhor, dá à Paz ao Mundo, ao Mundo que não ouve os vossos ensinamentos de humildade.

Mas não é forçoso estar em Fátima para enviar ao Céu as nosas orações.

Foi por isso que a Direcção da J. C. deliberou que, na *noite de 12 para 13 de Maio, todos os Organismos da J. C. tomem a seu cargo a realização duma «Vigília pela Paz».* Onde tal não seja possível, realize-se ao menos uma *Hora Santa de oração à Virgem Senhora da Fátima.*

A Direcção Nacional e a Comissão Organizadora da Peregrinação de 1941 irão à Fátima oferecer à Mãe de Deus a Grande Peregrinação da juventude.

Esperamos, que aos pés da Virgem em «Cor unum et anima una» todos a quem os fazer e não permitam ir à Fátima, unirão nessa Vigília, as suas orações aos que nesse cantinho abençoado pedem a Paz.

Jovens de Portugal! Salvemos a Pátria! Salvemos o Mundo!

Glória a «O Trabalho»

retraimo-nos desconfiados e indecisos, quando na nossa frente surge a realidade palpável e nítida, o caminho que vai direito, sem encruzilhadas traiçoeiras, à felicidade que não temos.

Cada vez me convenço mais de que sofremos os tristes consequências da nossa pouca fé, fé aparente, que não é vivida nem sentida, e da nossa deplorável falta de cultura. Queremos ser mestras de tudo sem nada sabermos — suprema vaidade — sem nos lembrarmos que quanto mais presumimos menos voamos, e vamos descendo até cair no ridiculo.

Do realismo da vida e da alta missão que nos cabe, nada percebemos. E o ascendente da matéria sobre o espirito, que se vai tristemente accentuando. O nosso quinquenário, pequeno no forma mas grande no ideal sacode-nos a cada instante desde a apatia mórbida que nos faz dormir descuídos e inconscientes à beira dum abismo, chamando-nos à realidade e dando-nos a sua palavra de ordem.

Ouçamo-lo e proporcionemo-lhe elementos de vida, seiva abundante, para que ele se desentranhe em frutos copiosos. Se quisésemos, se os operários compreendessem o papel preponderante e decisivo da boa imprensa no aperfeiçoamento e elevação da vida social, poderia garantir-vos, prezados camaradas, que «O Trabalhador» se não esconderia no fundo do nosso bolso como uma minúscula agende; mas seria um volumoso diário de vasto, proveitosa e interessante reportagem, donde a voz potente e sonora do direito havia de brear mais alto as reivindicações do trabalho.

Se quereis libertar-vos depressa do jugo que vos vexa e inferioriza, prendendo-vos a um passado aviltante, assinai «O Trabalhador». Todos vós que tendes um sórgio, grande ou pe-

M
N

Ac
srio e
clica
«R
versio
Anas»,
que os
Serra da
jornal un
falado n
que se e
pregados
Defene
nos fizen
ou revol
norma o
Novarum

«A sor
solidida
pode ser
Seja de
«Os of
facilment
sociedade
são produ
«O seu de
«Qualq
força do
se uma v
ainda in
justo e a
que, ced
blica se
se h-ja
pondo a

(Cos

queno, c
pequeno
viência o
rroo ba
taliveme
para nos
solução
havia de
nada se
Avon
e comer
sário, cu
memória
tíficas, L
imortais,
duas me
social, n
dros dire

O c

solidar
só era
sappare
menda:
que di
classes
suem e
Leão
para u
vista su
Mas
mesmo
nidade,
dizer c
preend
Urgi
ensina
mos ce

Contlig

Para
Adiant
Abo...
Semestr
Para
mento a
Abo...
Abo...

A sorte da Classe Operária será resolvida pela razão ou sem ela, e não pode ser indiferente às